



CRISTOLOGIA

Teresina – PI

2025

DADOS INSTITUCIONAIS

CNPJ:	17.145.404/0001-76
Razão Social:	CENTRO EDUCACIONAL MALTA LTDA
Nome de Fantasia:	FACULDADE MALTA
Esfera Administrativa:	PRIVADA
Endereço:	Av. Barão de Gurguéia, no 3333b, Bairro Vermelha
Cidade/UF/CEP:	TERESINA-PI, CEP: 64018-500.
Telefone:	(86) 3303-5002
E-mail de contato:	contato@faculdademalta.edu.br
Site da unidade:	faculdademalta.edu.br

SUMÁRIO

UNIDADE 1 - MOVIMENTOS CRISTOLÓGICOS DOS PRIMEIROS SÉCULOS.....	8
<i>As principais correntes cristológicas heréticas e suas ideologias:</i>	<i>9</i>
<i>Arianismo</i>	<i>9</i>
<i>Apolinarianismo.....</i>	<i>10</i>
<i>Nestorianismo</i>	<i>11</i>
<i>Eutiquianismo.....</i>	<i>12</i>
<i>Ebionismo, Alogoi e Monarquianismo Dinâmico.....</i>	<i>13</i>
<i>Docetismo.....</i>	<i>14</i>
<i>Calcedônia.....</i>	<i>14</i>
LEITURA SUGESTIVA - ARTIGO	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
HORA DE REVISAR.....	16
REFERÊNCIAS	18
UNIDADE 2 – AS DUAS NATUREZAS E A DIVINDADE DE JESUS CRISTO	19
AS DUAS NATUREZAS DA PESSOA DE CRISTO.....	19
A DIVINDADE DE JESUS CRISTO.....	21
SUA PREEXISTÊNCIA.....	22
A TEOFANIA.....	23
O ANJO DO SENHOR.....	23
PROVAS DA DIVINDADE DE CRISTO.....	24
ATRIBUTOS INCOMUNICÁVEIS	25
TEORIA KENÓTICA	26
A ENCARNAÇÃO	27
SUGESTÃO DE LEITURA - ARTIGO	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28

HORA DE REVISAR.....	29
REFERÊNCIAS	30
UNIDADE 3 – A NATUREZA HUMANA DE JESUS CRISTO.....	31
A IMPORTÂNCIA DA HUMANIDADE DE CRISTO	31
AÇÕES HUMANAS DE CRISTO = SUA HUMANIDADE	32
PLENAMENTE HUMANO E SINGULAR.....	33
O NASCIMENTO VIRGINAL	34
A IMPECABILIDADE DE CRISTO.....	36
ETERNAMENTE HUMANO	38
A perenidade da encarnação	38
SUGESTÃO DE LEITURA – ARTIGO	39
SUGESTÃO DE LEITURA – LIVRO.....	39
HORA DE REVISAR	40
UNIDADE 4 – A HISTORICIDADE DA RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO	42
ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA BÍBLIA.....	42
O corpo de Jesus e o túmulo	43
A Motivação dos Discípulos.....	44
O preço pessoal pago pelos discípulos.....	45
REFERÊNCIAS HISTÓRICAS SOBRE JESUS.....	46
Pilatos – governador romano na Judeia	46
Tácito - governador-historiador romano.....	47
A IMPORTÂNCIA DO RESSURREIÇÃO	48
A HISTORICIDADE DA RESSURREIÇÃO	50
SUGESTÃO DE LEITURA - ARTIGO	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51

HORA DE REVISAR.....	51
REFERÊNCIAS	53

Sobre o Autor:

Erico Tadeu Xavier

- Pós-Doutorado pela FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, BH (2021) tendo como tema o Pentecostalismo Brasileiro.
- Pós-Doutorado pela FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia BH (2014) sobre a Eclesiologia Missiológica de Orlando Costas e sua relação com a América Latina.
- Doutorado em Ciências da Religião - Atlantic International University (2019).
Doutorado em Ministério - Livre pela Faculdade Teológica Sul Americana, Londrina, PR (2004).
- Doutorado (PhD) em Philosophy in Theology - South African Theological Seminary (2011), reconhecido pela PUC, RJ.
- Mestrado em Ciências da Religião - Universidad Evangelica de las Americas, Costa Rica (2008), reconhecido pela EST, São Leopoldo, RS.
- Pós-Graduação em Aconselhamento Pastoral - UniBF, (2020).
- Especialização em Missão Urbana e Crescimento de Igreja – FTSA (2009).
- Bacharel em Teologia - Universidad Evangélica de las Américas, Costa Rica (2007).
- Bacharel em Teologia – Faculdade de Teologia de Boa Vista (2006).
- Professor de teologia ensino superior com experiência na área de Teologia Sistemática e Missão.
- Atuando principalmente nos seguintes temas: Pneumatologia, Soteriologia, Escatologia, temas em Apocalipse, Missão Integral, Teologia Bíblica de Missão, Pentecostalismo, Ecologia, Meio Ambiente e Responsabilidade Cristã.

APRESENTAÇÃO

Caro/a estudante,

Este material é dedicado aos alunos do curso de Teologia da Faculdade Malta-FACMA. Torna-se essencial para a formação profissional do Teólogo, através da disciplina de CRISTOLOGIA, conhecer os movimentos heréticos que se levantaram nos primeiros séculos. Ter uma visão geral da cristologia através da história e entender os verdadeiros ensinamentos cristológicos à luz das Sagradas Escrituras.

Na Unidade 1 “MOVIMENTOS CRISTOLÓGICOS DOS PRIMEIROS SÉCULOS”, você vai estudar e conhecer os principais movimentos heréticos e as disputas cristológicas, que consistiram em uma série histórica de polêmicas sobre a natureza de Jesus Cristo. Os principais personagens envolvidos também serão conhecidos e a origem dos seus movimentos.

Na Unidade 2 “AS DUAS NATUREZAS E A DIVINDADE DE JESUS CRISTO”, o propósito é estudar sobre as duas naturezas da pessoa de Jesus. O estudo vai revelar que Jesus Cristo era divino e humano ao mesmo tempo. A união hipostática será objeto de estudo também. Iremos entender o significado dessa união na pessoa de Jesus. Por fim tentaremos esclarecer pela Bíblia Sagrada a divindade de Cristo.

Na UNIDADE 3 – “A NATUREZA HUMANA DE JESUS CRISTO”, será o tema de estudo. A doutrina da humanidade de Cristo é um amplo e instigante objeto de estudo e pesquisa dentro da teologia sistemática, porém, a Unidade 3, busca e apresenta os principais pontos, como a importância da humanidade de Jesus, as evidências bíblicas da sua humanidade e a impecabilidade de Cristo, temas amplamente fundamentados pelas Escrituras Sagradas.

Na Unidade 4 - “A HISTORICIDADE DA RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO” o foco será apresentar as evidências internas e externas da ressurreição de Jesus Cristo. Como evidências internas vamos conhecer os antecedentes históricos da Bíblia sobre a ressurreição de Jesus e conhecer as referências da história secular sobre a pessoa e a ressurreição de Jesus. E por fim vamos entender a importância da ressurreição e da historicidade da ressurreição de Jesus.

Prof. Erico Tadeu Xavier (PhD)

UNIDADE 1 - MOVIMENTOS CRISTOLÓGICOS DOS PRIMEIROS SÉCULOS

Objetivos:

- **Apresentar uma visão histórica acerca das heresias cristológicas dos quatro primeiros séculos da era cristã.**
- **Descrever os principais personagens envolvidos nas heresias cristológicas.**
- **Chegar a uma percepção plausível a respeito da questão cristológica.**

Nos primeiros quatro séculos da era cristã, as disputas cristológicas, consistiram em uma série histórica de polêmicas sobre a natureza de Jesus Cristo. O ano 325 d.C., no Concílio de Nicéia, sob a mão do imperador Constantino, o Grande, assim como no primeiro Concílio de Constantinopla, em 381 d.C., se estabeleceu a doutrina oficial da Igreja Católica, que abrangia todo o território do Império Romano (desde a Espanha até a Síria) (CHAMPLIN, 833a). Atingiu o consenso que Cristo era eterno, segundo o credo, “uma encarnação divina, (chamada de *"homoousios"*), que significa consubstancial com Deus Pai” (OLSON, 158), (em uma só pessoa, porém com duas naturezas : completamente divina e completamente humana . A partir desse momento, e até o século VII, sucessivos concílios condenaram doutrinas que diferenciavam com a do credo de Nicéia em matérias de ontologia em torno do Cristo.

O período dos quatro primeiros séculos da história do cristianismo se caracterizou por disputas cristológicas. Os movimentos religiosos minoritários, qualificados como heréticos, que surgiram no segundo século nunca voltaram a questionar as explicações estabelecidas sobre a natureza do Cristo, e se concentraram em problemas como a simonia (é o ato de vender favores divinos, bênçãos, cargos eclesiásticos, prosperidade material, bens espirituais, coisas sagradas, etc. em troca de dinheiro), hipocrisia, a burocracia, a injustiça social e a luxúria da Igreja institucional. Voltando ser assunto durante a Reforma Protestante com o aparecimento de novos movimentos. Hoje em dia, especialmente as Testemunhas de Jeová, voltam a questionar as doutrinas cristológicas adotadas no quarto século.

As principais correntes cristológicas heréticas e suas ideologias:

Arianismo

Este movimento possui este nome, pois foi liderado por Ário (250-336 d.C.), que fora presbítero de Alexandria entre o fim do século 3 e início do século 4 depois de Cristo. Ário não admitia que Jesus era Deus, o Verbo encarnado. Ele acreditava que isso implicaria na aproximação entre o cristianismo e o paganismo, já que as religiões pagãs crêem na existência de diversos deuses. Ário acreditava que Jesus teve um começo, ou seja, que foi criado por Deus. Sua ideia é que houve tempo em que Jesus não existiu, ou seja, que este fora criado por Deus, isso implica que Jesus não é eterno.

Ele e seus seguidores negavam a divindade própria de Cristo. Ário desenvolveu sua doutrina com base em especulações teológicas gregas, que floresceram no gnosticismo. Foi uma elaborada tentativa de definir a relação de Cristo para com Deus, segundo a razão natural. (CHAMPLIN, 271b).

O Arianismo teve suas doutrinas refutadas quando Ário foi confrontado por Atanásio (296-373 d.C.), num concílio convocado pelo imperador Constantino, que contou com a presença de mais de 300 bispos. Este evento ocorreu na cidade de Nicéia, em 325, e deste concílio surgiu o Credo Niceno, no entanto, a cristologia ariana permaneceu, e nos dias de hoje está presente em grupos como as Testemunhas de Jeová e com alguns traços no Mormonismo.

Estes são seus pontos principais: 1. Deus é ímpar e não-gerado (agennetos). Fora de Deus, tudo o mais foi criado ex nihilo (do nada), através da vontade de Deus.

2. O Logos (Cristo) é um intermediário entre Deus e o homem. Ele começou antes do tempo, mas não seria eterno, o que significa que houve tempo em que o Logos não existia, embora Deus já existisse. 3. Segue-se daí que o próprio Logos foi criado por Deus (o Logos foi gennetos). Ele também nasceu (gennetos), o que aponta para a filiação por adoção. 4. O Logos encarnado (Jesus Cristo) é assim inferior a Deus, embora seja objeto próprio da adoração, por causa de sua elevada posição, estando acima de todas as demais criaturas. (CHAMPLIN, 271b).

O presbítero de Alexandria (Ário) fez a sua apologia quando disse:

O que afirmamos e pensamos e temos ensinado e continuamos ensinando; que o Filho não é congênito, nem parte do congênito em nenhum sentido, nem é ele derivado de alguma substância [...] e antes que fosse gerado, ou criado, ou nomeado, ou estabelecido, ele não existia, porque não era congênito. Somos perseguidos porque afirmamos que o Filho tem um princípio, mas Deus é sem princípio. (Veja “A Carta de Ário a Eusébio” em *Documentos da Igreja Cristã*).

Apolinarianismo

Devido a Apolinário (310-390 d.C.), que fora Bispo de Laodicéia no fim do século 4, defender uma cristologia heterodoxa, esta recebeu seu nome. Enquanto o Arianismo defendia que Cristo não era Deus, o Apolinarismo ia contra o ensino que Cristo possui a natureza humana, alegando que Cristo era apenas Deus, indo contra a doutrina da encarnação, onde o Verbo se fez carne e habitou entre nós, que está muito evidente no capítulo 1 do Evangelho de João. O ponto crítico desta corrente girava em torno do conceito da mente de Cristo. Segundo Apolinário, Cristo possuía mente (ou espírito) divino, o que o impossibilitaria de passar por tentações genuínas. Segundo Hebreus 2.14-17, Jesus participou de humanidade como a nossa, para que houvesse o completo efeito da expiação. Os ensinamentos do apolinarismo também foram declarados heréticos, através do Concílio de Constantinopla (381), onde os teólogos Basílio - “O Grande”, Gregório - Bispo de Constantinopla, e Gregório - Bispo de Nissa, também conhecidos como Pais Capadóciens, o rejeitaram de forma veemente. Apesar de Apolinário ter levantado certo grupo de discípulos, seus ensinamentos não permaneceram e seu movimento se desfez.

...sendo usado para designar a doutrina que, em Jesus, o Logos (uma perfeita natureza divina) assumiu corpo físico, passando a exercer as funções ordinariamente realizadas pela mente humana. Apolinário opunha-se tanto à noção ariana da mutabilidade do Logos como à noção da completa união das naturezas divina e humana, em Jesus Cristo. Afirma

que, na encarnação, o Logos tornou-se carne, tomando o lugar da alma humana racional na pessoa de Cristo. Isso negava a humanidade essencial de Cristo (CHAMPLIN, 231b).

Preocupado com a ratificação do credo niceno e com a integridade cristológica, Apolinário formulou sua solução com base na antropologia platônica, que compreendia a pessoa humana como consistindo de três entidades substanciais: corpo, alma e espírito. Sua proposição era de que na encarnação o corpo e a alma de Jesus eram de natureza humana, enquanto que o Logos ocupava o seu espírito. (DONKOR, 21).

Nestorianismo

Esta doutrina está baseada nos ensinamentos de Nestório, que fora um pregador famoso em Antioquia, e desde 428 d.C., Bispo de Constantinopla. Seus ensinamentos foram refutados no Concílio de Éfeso, em 431. O Nestorianismo ensinava que a pessoa divina de Cristo e sua pessoa humana estavam divididas e com vontades divididas, mas residindo no mesmo corpo. Cirilo de Alexandria refutou os falsos ensinamentos do Nestorianismo.

Seu propósito era banir as heresias da área de seu controle. Mas ele mesmo achou-se em dificuldades ao apresentar o que a outros parecia ser uma duvidosa cristologia. Em primeiro lugar, ele objetava aos excessos que tinham surgido como na expressão grega *theótokos*, “mãe de Deus”, aplicada à Virgem Maria. Em lugar de “mãe de Deus”, ele preferia “mãe de Cristo” (*christótokos*). Em segundo lugar, ele procurou modificar a cristologia hipostática da escola alexandrina. E, em terceiro lugar, em vez da união hipostática das naturezas divina e humana na pessoa de Cristo Jesus, ele propôs uma nova expressão, “união prosópica”. Esta última palavra vem de *prósopon*, palavra grega que significa “face”. “Ele expunha a questão como segue: “A humanidade estava na face da deidade, e, a deidade na face da humanidade” (CHAMPLIN, 489b).

No fundamento da posição nestoriana jaz outra heresia, a antropologia desenvolvida por Pelágio. Segundo a opinião teológica antagônica de Agostinho, a pessoa humana é dotada por ocasião do nascimento de graça suficiente para reforçar a vontade humana em sua batalha

contra o pecado, o qual, por sua vez, não é uma condição do ser mas jaz inteiramente na ação humana. Devido a esse dom, o indivíduo poderia teoricamente atingir a perfeição. Nestória viu essa perfectível substância humana revelada em Jesus. O homem Jesus empregou a dotação natural da graça sem falhar. Este exercício de sua livre vontade efetuou a união voluntária entre Jesus e o Logos (STANLEY, 247).

Eutiquianismo

Também conhecida por Monofisismo, esta concepção de Cristo, formulada por Eutiques (ou Êutico, 378-454 d.C.), que fora líder de um mosteiro em Constantinopla. O Eutiquianismo ensinava que a natureza divina de Jesus havia absorvido a natureza humana, gerando conseqüentemente um ser com uma terceira natureza. Esta doutrina é preocupante pois anula Cristo como verdadeiro Deus e como verdadeiro homem, o único que pode nos trazer salvação. “Trata-se da doutrina cristológica de que, por ocasião da encarnação, a natureza humana de Cristo foi absorvida pela natureza divina, com tudo quanto isso subentende. Ele expôs esse ensino em oposição ao Nestorianismo.” (CHAMPLIN, 599b).

Este falso ensino foi refutado em 451 no Concílio de Calcedônia. Neste concílio reuniram-se 600 bispos, que pelo debate contra o Eutiquianismo formularam uma confissão de fé que elucidou a humanidade e a divindade de Jesus Cristo. Esta confissão cristológica permeia a crença das igrejas Orientais Ortodoxas, Católica Romana e as igrejas oriundas da Reforma Protestante, salvo as correntes pseudocristãs que durante a história trouxeram falsos ensinamentos que perverteram a cristologia ortodoxa.

A despeito do movimento ter sido desmantelado “As ideias de Eutiques foram retomadas posteriormente na controvérsia monofisita (foi uma doutrina que surgiu no século V, na escola Teológica de Alexandria, que na verdade, era um movimento e não um local. Na perspectiva monofisista, Jesus Cristo, o filho de Deus, tinha uma natureza unicamente divina) que perturbou a paz do império oriental até meados do século VI. Cerca de 15 milhões de Monofisitas ainda existem nas igrejas coptas do Egito, Líbano, Turquia e Rússia.” (EARLE, 110).

Ebionismo, Alogoi e Monarquianismo Dinâmico

Os Ebionitas (ou parte deles) sentiram-se constrangidos, no interesse do monoteísmo, a negar a divindade de Cristo. Eles O consideravam como simples homem, filho de José e Maria, qualificado em seu batismo para ser o messias, pela descida do Espírito Santo sobre Ele. Os ebionitas surgiram pelo século II, na Palestina e eram de orientação judaizante e herética. O significado etimológico de ebionitas é “homens pobres”.

Considerados cristãos gnósticos, sustentavam a veracidade de seu próprio evangelho “Evangelho dos Ebionitas”, além do “Evangelho dos Hebreus”, “Evangelho dos Doze Apóstolos” e um “Evangelho dos Nazarenos” que foram selecionados nos concílios de Nicéia e Laodicéia. Irineu, Orígenes e Eusébio de Cesaréia confirmam que a afirmação de Jesus como sendo apenas um homem é um traço exclusivo do ebionismo. (OLSON, 258).

O termo *alogoi* vem da junção do prefixo grego *a* com os *logos* gregos da palavra, tal que não significa literalmente "nenhuma palavra." Este movimento cristológico nega que Jesus é a palavra incarnate divine por causa do primeiro capítulo do evangelho de João. Jesus é justo e um professor bom, e há um deus expressado em uma pessoa (pai). Esta ideia foi rejeitada pela igreja pelas razões óbvias que não aceita o que a Escritura proclama sobre Jesus e o Espírito Santo. O Alogoi ou Alogi era um grupo herético surgido no segundo século. Floresceram ao redor 170 d.C.. O que nós sabemos deles é derivado pela maior parte de seus oponentes, que os suprimiram pela doutrina. Atribuíram o evangelho de João e o Apocalipse de João ao Cerinthus gnostic. Negaram a divindade do Espírito Santo e negaram a doutrina dos logos incarnate. Foram chamados "Alogi" como um título duplo, para sugerir que eram ilógicos e anti-logos. Os alogianos viam em Jesus apenas um homem, embora nascido miraculosamente de uma virgem. Ensinavam que Cristo desceu sobre Jesus, por ocasião do Seu batismo, conferindo-lhe poderes miraculosos. Eles que rejeitavam os escritos de João por que entendiam que a sua autoria do Logos está em conflito com o restante do Novo Testamento.

No essencial, esta era também a posição dos Monarquistas Dinâmicos. Paulo de Samosata, seu principal representante, distinguia entre Jesus e o Logos. “Ele considerava Aquele como um homem igual a todos os demais, nascido de Maria, e

Este como razão impessoal divina, que fez Sua habitação em Cristo num sentido preeminente, desde a ocasião do Seu batismo, e assim o qualificou para a Sua grande tarefa” (GRUDEM, 259).

Podemos dizer que a primeira tentativa sistemática de conciliar unidade e pluralidade em Deus professava a unidade com detrimento da pluralidade. Chamou-se, por isto, monarquianismo, expressão derivada da exclamação: “Monarchiam tenemus”

Docetismo

A expressão “docetismo” é oriunda do termo grego *dokew* que pode ser traduzido pelo verbo “aparentar” (RUSCONI, 135). “O docetismo é a “afirmação de que o corpo humano de Cristo era um fantasma e de que o seu sofrimento e morte foram meras aparências. “Se sofreu, não era Deus; se era Deus, não sofreu” (BETTENSON, 49).

Os docetistas negavam a humanidade de Cristo, mas afirmavam a divindade. Isso é o oposto do arianismo, que afirmava a humanidade de Jesus, mas negava sua divindade. Afirmavam que Jesus Cristo tivera uma imagem aparente e portanto não corpórea ou real. A justificação era que a matéria é algo intrinsecamente mal, pelo que Jesus Cristo somente poderiater um corpo aparente.

O docetismo já estava presente na época do Novo Testamento, como é evidente pela exortação de João, o apóstolo, sobre aqueles que negam “que Jesus Cristo veio em carne” (1Jo 4:2)

Calcedônia

O Concílio de Calcedônia, que se reuniu em 451 d.C., é considerado definitivo na história da cristologia. Sendo o ponto culminante da luta contra uma longa fileira de heresias cristológicas, declarou que a fé ortodoxa no Senhor Jesus Cristo focaliza-se nas suas duas naturezas, a divina e a humana, unidas na sua Pessoa única. O Concílio de Calcedônia tem um contexto histórico. A separação das naturezas de Jesus, proposta por Nestório, havia sido repudiada pelo Concílio de Éfeso, em 431 d.C. A harmonização entre as duas naturezas, proposta por Eutiques, foi refutada em Calcedônia.

A Fórmula Dogmática do Concílio de Calcedônia contém a reelaboração das cristologias precedentes do período patrístico, a qual reuniu o que foi elaborado

precedentemente em relação aos diversos erros cristológicos do mesmo período, apresentando uma súmula das respostas do Magistério e dos teólogos ortodoxos diante dos mesmos erros, em especial, o nestorianismo, que negava a unidade das naturezas humana e divina em Cristo, e o monofisismo, que negava a plena humanidade de Cristo. A Fórmula de Calcedônia é também o ponto de partida para a Cristologia que lhe é posterior, pois, articulando as cristologias que lhe eram precedentes, e refutando os principais erros cristológicos, oferece as bases seguras para o desenvolvimento da ciência de Cristo. Ela é considerada a definição padrão da ortodoxia do ensino bíblico sobre a pessoa de Cristo desde aquela época por todos os grandes ramos do cristianismo: o catolicismo, o protestantismo e a ortodoxia oriental.

Foi a seguir a este concílio que aconteceu o cisma entre o Catolicismo e a Ortodoxia Oriental e deu origem à Igreja Copta.

Fiéis aos santos pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade e perfeito quanto à humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e consubstancial [homooousios] ao Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade; "em todas as coisas semelhante a nós, excetuando o pecado", gerado, segundo a divindade antes dos séculos pelo Pai e, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, gerado da virgem Maria, mãe de Deus [Theotókos]. Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar em duas naturezas, inconfundíveis e imutáveis, conseparáveis e indivisíveis. A distinção de naturezas de modo algum é anulada pela união, mas, pelo contrário, as propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e subsistência (hypostasis); não dividido ou separado em duas pessoas, mas um só e mesmo Filho Unigênito, Deus Verbo, Jesus Cristo Senhor, conforme os profetas outrora a seu respeito

testemunharam, e o mesmo Jesus Cristo nos ensinou e o credo dos padres nos transmitiu (BETTENSON, 101).

LEITURA SUGESTIVA - ARTIGO

HERESIAS EM RELAÇÃO À NATUREZA DE JESUS. Disponível em: <https://issuu.com/seminariobatistalivre4/docs/cristo...>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Unidade 1 estudou os movimentos heréticos dos primeiros 4 séculos. E podemos dizer que os movimentos cristológicos pós-apostólicos foram impulsionados por uma espécie de “presunção teológica” ao tentarem explicar a questão das duas naturezas de Cristo.

É evidente que a revelação escriturística neotestamentária nos permite chegar a uma percepção plausível a respeito da questão cristológica, todavia devemos ter em mente que a união das duas naturezas numa pessoa é um mistério que não podemos compreender (pelo menos integralmente) e que, por essa mesma razão, é frequentemente negado. Às vezes é comparado com a união de corpo e alma no homem; e há mesmo alguns pontos de similaridade. No homem há duas substâncias, matéria e espírito, intimamente unidas e, contudo, não misturadas; assim também o Mediador.

HORA DE REVISAR

As controvérsias cristológicas não acabaram com o Concílio de Niceia. Ainda assim, é inegável o papel que esse Concílio tem para estabelecer as bases da fé ortodoxa. Alguns críticos da igreja afirmam, falsamente, que Niceia inventou a Bíblia, criou a forma como se deve crer, dentre outras coisas totalmente falsas. Niceia apenas condenou o pensamento equivocado que surgiu no meio do bom andamento teológico da igreja. O papel de Niceia foi de correção e explanação, não de fundamentação da fé. A questão foi condenar o pensamento errado, o pensamento correto já existia desde os ensinamentos de Jesus e dos apóstolos.

Em nossos dias, é muito comum ver pessoas influenciadas por um cristianismo liberal angariando milhares de seguidores afirmando a natureza divina de Cristo como mito, como invenção da igreja, como resultado da mente perturbada dos discípulos após a morte de Cristo, nada mais falso. O Cristo real, o Cristo bíblico é

aquele que nossos irmãos em Niceia contemplaram e descreveram em seu símbolo: “O Filho de Deus, gerado unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai; Deus de Deus, luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai; por quem foram feitas todas as coisas que estão no céu ou na terra”.

REFERÊNCIAS

- BETTENSON, H. **Documentos da igreja cristã**. São Paulo: Aste e Simpósio, 1998.
- CHAMPLIN, R.N. **O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo**, vol.V. São Paulo: Hagnos, 2002a.
- CHAMPLIN, R.N. **Enciclopédia de bíblia, Teologia e filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2004b.
- DONKOR, Kwabena, **A natureza de Cristo: A questão soteriológica**. Parousia 1º semestre 2008 (Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2008).
- EARLE, E. Cairns. **O cristianismo através dos séculos**. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- GRUDEM, Wayne. **Manual de doutrinas cristãs**. São Paulo: Vida, 2002.
- OLSON, Roger. **História da Teologia Cristã**. São Paulo: Vida, 2001.
- STANLEY J. Grenz. **Theology for the Community of God**. Grand Rapids, MI: Erdmans Publishing Company, 1994.

UNIDADE 2 – AS DUAS NATUREZAS E A DIVINDADE DE JESUS CRISTO

Objetivos:

- **Apresentar as duas naturezas da pessoa de Jesus.**
- **Entender o significado da união hipostática na pessoa de Jesus.**
- **Esclarecer biblicamente a divindade de Jesus.**

AS DUAS NATUREZAS DA PESSOA DE CRISTO

Jesus Cristo é plenamente Homem e plenamente Deus. Ele é divino e humano de forma concomitante. Sendo assim, ele possui duas naturezas: humana e divina em uma única pessoa. De acordo com Roger Olson:

O Concílio de Constantinopla declarou em 381 que a verdadeira ortodoxia cristã necessariamente inclui a crença de que Jesus Cristo era e é verdadeiramente Deus tanto quanto verdadeiramente humano — consubstancial com Deus-Pai e com os seres humanos (OLSON, 205).

Com relação a sua pessoalidade, é importante ressaltar que não há duas pessoas em Cristo, mas apenas uma. “[...] não existe absolutamente evidência de haver em Cristo dupla personalidade”. (HODGE,767). Com relação a sua natureza, diferentemente de todos os outros seres humanos, que possuem apenas uma natureza humana, Jesus possui, a saber, duas naturezas distintas: a humana e a divina. Essas duas naturezas são inseparáveis, porém não se misturam. “Não há confusão das duas naturezas, e uma nunca é absorvida pela outra [...]” (WILLIAMS,296). As duas naturezas de Cristo se apresentam de formas diferentes, elas não são iguais, pois cada qual possui características distintas, mas coexistem entre si. Jesus não deixou de ser Deus quando encarnou, pelo contrário, antes da encarnação ele já era o Deus eterno, o *Logos* preexistente que habitava eternamente junto ao Pai. Do mesmo modo, Jesus em sua ressurreição, ascensão e sessão a destra do Pai, não deixou de ser homem para voltar a ser Deus, pois ele sempre foi o Deus-homem, de eternidade a eternidade e o será para sempre. “Podemos resumir

da seguinte maneira o ensino bíblico acerca da pessoa de Cristo: Jesus Cristo foi plenamente

Deus e plenamente homem em uma só pessoa e assim o será para sempre". (GRUDEM,435).

A doutrina que afirma ter Cristo duas naturezas se chama união hipostática. O termo vem da palavra grega *υπόστασις* *hypostasis* que significa "substância". A união hipostática estabelece a união das duas substâncias de Jesus: humana e divina em uma única pessoa.

Essa doutrina é chamada de Hipóstase. Esse vocábulo vem de duas palavras gregas *hypo*, "sob", e *istathai*, "ficar". Nas discussões teológicas sobre a doutrina da Trindade, na era da patrística, era usada como sinônimo de *ousia*, "essência, ser". Com relação a Jesus, significa a união das duas naturezas de Cristo: divina e humana. (SOARES,69-70).

A união hipostática se tornou doutrina ortodoxa sobre a pessoa de Cristo no Concílio de Calcedônia em 451 d.C. Roger Olson afirma que:

Calcedônia é considerada o quarto concílio ecumênico da Cristandade e produziu uma "definição" doutrinária — às vezes considerada como outro credo — que declarou o dogma oficial da pessoa de Jesus Cristo. Esse dogma é chamado "união hipostática" (OLSON,207).

No concílio de Calcedônia, grandes líderes religiosos se reuniram e estabeleceram o credo de calcedônia. Ele consiste numa declaração por escrito que determina os fundamentos da doutrina de Jesus Cristo. E, depois que tal credo foi estabelecido, todo aquele que formulou teorias diferentes a respeito da pessoa de Cristo foi tido como herege. De acordo com o credo, Jesus é divino e humano, possui alma e corpo e é uma única pessoa.

Fiéis aos santos Pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade, e perfeito quanto à humanidade; verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem; constando de alma racional e de corpo, consubstancial

com o Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade; em tudo semelhante a nós, excetuando o pecado; gerado segundo a divindade pelo Pai antes de todos os séculos, e nestes últimos dias, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, nascido da Virgem Maria, mãe de Deus; um e só mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis, imutáveis, indivisíveis, inseparáveis; a distinção e naturezas de modo algum é anulada pela união, antes é preservada a propriedade de cada natureza, concorrendo para formar uma só pessoa e em uma subsistência; não separado nem dividido em duas pessoas, mas um só e o mesmo Filho, o Unigênito, Verbo de Deus, o Senhor Jesus Cristo, conforme os profetas desde o princípio acerca dele testemunharam, e o mesmo Senhor Jesus nos ensinou, e o Credo dos santos Pais nos transmitiu. (GRUDEM,996).

A DIVINDADE DE JESUS CRISTO

Jesus é Deus, ou seja, ele é divino. É a segunda pessoa da Trindade. O testemunho das Escrituras atesta sua divindade “[...] deles são os patriarcas, e deles descende o Cristo segundo a carne, o qual é sobre todas as coisas, Deus bendito eternamente. Amém” (Rm 9:5). Diferentemente de sua natureza humana, em sua natureza divina ele é eterno, onisciente, onipotente, onipresente, imutável e soberano.

Para completar o ensino bíblico acerca de Jesus Cristo, precisamos declarar não só que ele era plenamente humano, mas também plenamente divino. [...] A comprovação bíblica da divindade de Cristo é bem ampla no Novo Testamento. (GRUDEM,447).

Em muitos momentos de sua vida terrena Jesus demonstrou sua divindade e sinais de sua autoridade soberana. “[...] Jesus se iguala ao noivo, uma imagem do Antigo Testamento para Deus” (BOCK,104). Como homem, Jesus esteve exposto a todos os males da vida terrena, mas como Deus ele é Criador e Sustentador de todas as coisas. Como homem ele morreu, mas como Deus ele ressuscitou. Em sua

divindade, e de forma a reforçar sua evidência, é importante destacar um ponto fundamental: sua preexistência.

SUA PREEXISTÊNCIA

A preexistência consiste no fato de que Cristo, como Deus, existe desde a eternidade. Não houve um momento na eternidade em que Cristo passou a existir. Ele não é parte da criação, ele é o Criador. Isso afirma sua auto-existência. Cristo é eterno. A preexistência é o tipo de existência exercida por Jesus antes da encarnação. De acordo com Lewis Sperry Chafer:

As divisões gerais da revelação divina a respeito da preexistência do Verbo podem ser compreendidas sob um arranjo sétuplo da verdade: (1) Cristo é Deus, daí a sua preexistência; (2) Cristo é o Criador, daí a sua preexistência; (3) Cristo é uma das partes do pacto eterno, daí a sua preexistência; (4) a predição que o Antigo Testamento faz do Messias que corresponde a Cristo é a de que Jeová é Deus, daí a sua preexistência; (5) o Anjo de Jeová do Antigo Testamento é Cristo, daí a sua preexistência; (6) afirmações bíblicas diretas declaram que Cristo existiu previamente. (CHAFER, 16).

O apóstolo João chama Jesus de o “Verbo” que vem do grego *Λόγος* = *Logos*. É um termo que significa “Palavra”. “O termo *Logos* foi estratégia do Espírito Santo ao inspirar o apóstolo João na produção de seus escritos” (SOARES, 31). João afirma que no princípio o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus (Jo 1:1-2), ou seja, nunca houve um período em que Jesus não existiu junto ao Pai. Logo em seguida João passa a mostrar a ação criadora do Verbo na execução da criação. Antes de o tempo ser criado Jesus já existia, pois ele mesmo é o criador do tempo. O Filho de Deus já existia na eternidade antes da criação de todas as coisas. Jesus, sendo Deus, sempre existiu, mesmo antes da fundação do mundo e de seu nascimento, pois ele é o Pai da Eternidade (Is 9:6).

Se o prólogo do evangelho João (1.1-14) fosse o único lugar nas Escrituras em favor da divindade do Verbo já teríamos subsídios suficientes, entretanto, essa doutrina

é ensinada em todo o contexto bíblico. Jesus é Deus igual ao Pai. (SOARES, 29).

A TEOFANIA

Uma das provas da preexistência de Jesus é a teofania. O termo vem do grego Θεός = *théos* que significa "Deus" e φανει = *phanei* que significa "aparecer", a teofania é a aparição de Deus no AT através da segunda pessoa da Trindade: Jesus Cristo.

Teofania (gr. *theophanía*) é uma palavra composta pelos vocábulos *theos* e *phanei* ("aparecer"), refere a alguma manifestação visível de Deus, na forma como Ele quiser. Como termo teológico, indica qualquer manifestação temporária e normalmente visível de Deus. [...] Tudo indica que o "Anjo do Senhor" é a expressão usada no Antigo Testamento para designar o próprio Cristo em várias de suas manifestações (ou teofanias) antes da sua encarnação (GABY, 458).

Ninguém jamais viu a Deus (Jo 1:18), o Filho que o revelou aos homens. Todas as vezes que o AT menciona que viram a Deus, tudo indica que viram a Jesus, a segunda pessoa da Trindade em uma teofania. Uma das atividades do Filho dentro da Trindade é revelar Deus aos homens, pois ele é a imagem do Deus invisível (Cl 1:15). À Cristo foi dada a prerrogativa de expressar a exata imagem de Deus (Hb 1:3). Há diversas passagens no AT que afirmam que homens viram a Deus e o reverenciaram. Dentre elas as principais mencionam uma figura gloriosa e extraordinária: o Anjo do Senhor.

O ANJO DO SENHOR

O Anjo do Senhor é a manifestação de Deus mais mencionada no AT. A teofania de Cristo às vezes é mencionada como a aparição de um homem, ou um varão, mas o Anjo do Senhor é, dentre todos os termos, o mais citado. Ele não é um anjo comum, pois tem ações que atestam sua divindade. Ele também aceita a adoração que lhe é prestada. Decerto, o anjo do Senhor, é Jesus Cristo. "Uma das provas mais atraentes e indiscutíveis de que Cristo preexistiu é encontrada na verdade de que Ele é o Anjo de Jeová cujas várias aparições estão registradas no

Antigo Testamento". (CHAFER, 38).

PROVAS DA DIVINDADE DE CRISTO

Jesus deu provas incontestáveis de sua divindade. Enquanto esteve na Terra, mesmo sendo homem, agiu como Deus. Podemos afirmar que a preexistência e a teofania são provas da sua divindade, pois só alguém divino poderia existir desde a eternidade e se comunicar com os homens antes de sua encarnação, mas existem outras evidências que atestam a divindade do Filho:

a) **A autoconsciência de Jesus:** Jesus tinha consciência de sua divindade e de sua missão. Em nenhum momento Jesus alegou abertamente às multidões ser Deus, mas todas às vezes que afirmaram que ele estava agindo como se fosse Deus, ele não negou tais afirmações.

Devemos notar que Jesus não fez nenhuma alegação explícita e aberta de sua divindade, dizendo com todas as letras: "Sou Deus". O que encontramos, no entanto, são alegações que poderiam ser impróprias, caso fossem feitas por alguém menos que Deus". (ERICKSON, 276).

Jesus afirmou ser o Messias prometido. E que aquele que o via, via o Pai (Jo 4:26 e 8:58).

b) **Seu relacionamento com o Pai:** Jesus tinha um relacionamento muito íntimo e incomum com o Pai, uma proximidade ímpar. Ele afirma ser um com o Pai e mantinha uma comunhão com ele que ninguém possuía (Jo14:7-9). "Vemos Jesus também alegando possuir um relacionamento incomum com o Pai [...] Jesus alega ser um com o Pai (Jo10:30) e, assim, vê-lo e conhecê-lo é ver e conhecer o Pai [...]" (ERICKSON, 277).

c) **O termo *Theos* atribuído a Cristo:** o termo grego Θεός = *Theos* significa Deus. É o mesmo termo atribuído a Javé no AT. Quando Moisés perguntou a Deus em nome de quem ele iria falar com Faraó, Deus disse: "Diga que o Eu Sou te enviou". Esse termo denota divindade, e significa "eu sou o que sou e serei o que serei". Jesus foi chamado de *Theos* em todo o Novo Testamento (NT), que é o equivalente a "Eu Sou" no AT. "Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco alcançaram fé igualmente preciosa por meio da justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo [...] (2 Pe 1:1). O Pai também usa o termo Deus ao referir-

se ao Filho (Hb 1:8).

Apesar de a palavra *theos*, “Deus”, ser em geral reservada no Novo Testamento para Deus Pai, há algumas passagens em que é também empregada em referência a Jesus Cristo. (GRUDEM, 448).

Jesus também usa esse termo referindo-se a si mesmo. O Evangelho de João registra diversas passagens em que Cristo afirma ser “o Eu sou” utilizando o mesmo termo dirigido a Javé: Eu sou o pão da vida (Jo 6:35); Eu sou a luz do mundo (Jo 8:12); Antes de Abraão eu sou (Jo 8:58); Eu sou a porta (Jo 10:9); Eu sou o bom pastor (Jo 10:11); Eu sou o caminho, a verdade e a vida (Jo 14:6); Eu sou a videira (Jo 15:1).

d) **O termo *Kyrios* atribuído a Cristo:** o termo grego *kupios* = *Kyrios* significa Senhor. Pode ser usado como uma forma respeitosa de se dirigir aos mais velhos. Também pode se referir ao senhor dono de escravos, que tem a posse. Mas todas as vezes que se refere a Cristo, faz menção a sua divindade. “[...] há muitos casos no Novo Testamento em que “Senhor” é empregado em referência a Cristo [...]” (GRUDEM, 448). É o equivalente a *Adonai* no AT, termo usado pelos judeus para se referir a Javé, pois eles não pronunciavam o nome de Deus. *Adonai* quer dizer Senhor. “[...] é que hoje, na Cidade de Davi, vos nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lc 2:11).

e) **Ser digno de culto:** Jesus recebe adoração de todos que lhe prestam homenagens. Ele jamais se recusou a receber a adoração a ele oferecida. “O Senhor Jesus ensinou que a honra devida ao Pai é a mesma devida ao Filho”. (SOARES, 53). O próprio Pai lhe deu o nome que está acima de todo o nome (Fp 2:9-11) e ordena que todos os anjos o adorem (Hb 1:6).

ATRIBUTOS INCOMUNICÁVEIS

Jesus, enquanto esteve na Terra, apresentou sua divindade diante de todos os homens. Em diversas ocasiões ele deu provas de sua divindade através de seus atos. Isso é claramente visto através dos atributos incommunicáveis. Esses atributos são características, qualidades e perfeições que pertencem somente à divindade e que não são partilhados com os homens. Eles são possuídos somente por Deus, pertencentes à divindade, e Jesus, como Deus, exerceu esses atributos durante seu ministério terreno. “Além de todos os textos que ensinam explicitamente que o Senhor Jesus é Deus, encontramos também na Bíblia todos os atributos da divindade

nele”. (SOARES, 57).

a) Onisciência: Jesus conhece os pensamentos dos homens (Mc 2:8).

b) Onipotência: Jesus tem poder sobre os fenômenos naturais como o vento e o mar, pois ordenou e eles lhe obedeceram (Mt 8:26, 27).

c) Onipresença: Jesus garantiu estar onde dois ou três estivessem reunidos em seu nome (Mt 18:20) e estar com seus discípulos todos os dias até a consumação dos séculos (Mt 28:20.)

d) Eternidade: Jesus afirmou sua eternidade ao dizer: “Antes de Abraão eu sou”. Ele não tem princípio de dias (Jo 8:58).

e) Soberania: Jesus afirma ter toda a autoridade nos céus e na Terra. Isso afirma seu governo sobre o universo (Mt 28:18)

TEORIA KENÓTICA

A teoria ou teologia kenótica afirma que quando Jesus encarnou, ele se esvaziou de sua divindade e de seus atributos divinos. O termo *kenosis* vem do grego κενόω e significa “esvaziar, aniquilar”. Essa teoria se baseia no texto de Filipenses 2.7 que diz “[...] mas, pelo contrário, esvaziou a si mesmo, assumindo a forma de servo e fazendo-se semelhante aos homens”.

Essa nova ideia foi chamada “teoria da kenosis”, e a posição geral representada por ela foi chamada “teologia kenótica”. A *teoria da kenosis* defende que Cristo abriu mão de alguns atributos divinos enquanto estava sobre a terra como homem. (A palavra *kenosis* é tomada do verbo grego *kenoo*, cujo significado geral é “esvaziar”, sendo traduzida por “esvaziou-se” em Fl 2.7.) De acordo com a teoria, Cristo “esvaziou-se” de alguns atributos divinos, tais como a onisciência, onipresença e onipotência, enquanto estava sobre a terra como homem. (GRUDEM, 453).

Porém, em nenhum versículo bíblico é afirmado que Jesus se esvaziou de sua divindade nem de seus atributos divinos, nem mesmo Filipenses faz tal afirmação, pois o texto não fala diretamente “do quê” Jesus se esvaziou. Não é correto afirmar que Jesus se esvaziou de sua divindade e nem de seus atributos divinos, pois todos eles foram exercidos em seu ministério terreno. “[...] não encontramos declarado em nenhum outro lugar que o Filho de Deus deixou de possuir alguns dos atributos de Deus que possuía desde a eternidade” (GRUDEM, 455). Dizer que Jesus

se esvaziou de sua divindade é dizer que ele deixou de ser Deus por um tempo, e isso não é verdade. Jesus sempre foi, é e sempre será Deus. Ele jamais deixou sua divindade para assumir sua humanidade. Então, do que Jesus se esvaziou? Uma análise dos textos bíblicos mostra como foi o esvaziamento de Jesus.

Jesus se esvaziou da glória que possuía junto ao Pai antes da fundação do mundo (Jo 17:5).

- a) Jesus se esvaziou ao abrir mão da posição que tinha no céu (Fl 2:6).
- b) Jesus se esvaziou ao abrir mão das riquezas celestiais (2Co 8:9).
- c) Jesus se esvaziou, pois abriu mão de alguns de seus privilégios e colocou os interesses da raça humana em primeiro lugar (Fl 2:8).

[...] pelo contexto é coerente compreender que ele está empregando Cristo como o exemplo supremo de alguém que fez exatamente isso: colocou os interesses dos outros em primeiro lugar e dispôs-se a abrir mão de alguns de seus privilégios [...] (GRUDEM, 454).

- d) Jesus se esvaziou, pois se humilhou e passou a viver como homem (Fl 2:7).
- e) Jesus se esvaziou, pois deixou de exercer sua vontade livre e se submeteu ao Pai em obediência, fazendo somente aquilo que ele o mandava fazer (Jo 12:49, 50).
- f) “Jesus não deixou de ser Deus durante a encarnação. Pelo contrário, abriu mão apenas do exercício independente dos atributos divinos” (SOARES, 71).

Sendo assim, a teoria kenótica não tem base bíblica. Pois em nenhum momento Jesus abandonou sua divindade ou deixou de exercer seus atributos divinos. “A teoria da *kenosis* em última análise nega a plena divindade de Jesus Cristo e o torna menor que Deus pleno”. (GRUDEM, 455).

A ENCARNAÇÃO

Na encarnação, Jesus esvazia-se de Sua glória e assume a natureza humana, através do nascimento virginal. Ele é Deus encarnado. Esse é um dos grandes mistérios da fé cristã. Deus se identifica a tal ponto com o homem criado, que através da encarnação se torna semelhante ao homem pecador, porém, sem pecado. Quando se diz que Jesus é “Deus conosco” isso não quer dizer apenas que Jesus está com os homens, isso quer dizer que ele se tornou homem.

Mateus interpreta o nome ***Emanuel*** como o “Deus conosco” (Mt 1:23). A importância deste título é mais do que Deus estando presente com seu povo; é que, pela encarnação, Deus se tornou um membro da raça humana. (CHAFER, 22).

Através da encarnação Jesus assume sua natureza humana. Não que sua humanidade só passe a existir na encarnação, pois a encarnação é apenas a consumação do plano traçado pela Trindade desde a eternidade, de que o Filho um dia viria a terra, pois Jesus é o Cordeiro morto desde a fundação do mundo (Ap 13:8). É importante destacar que a encarnação foi real, Deus realmente veio em carne, em um corpo humano. Era necessário que Cristo fosse humano. Cristo não era um fantasma, espírito, ou algo semelhante a um ser humano, ele realmente assumiu a natureza humana. “Jesus foi revestido do corpo humano porque o pecado entrou por um homem, e pela justiça de Deus tinha de ser vencido por um homem”. (SOARES,48). Na encarnação, Jesus não deixa de ser Deus. Na encarnação, esta Pessoa reteve a sua divindade intocada e imaculada.

SUGESTÃO DE LEITURA - ARTIGO

A Divindade De Jesus Cristo - Artigo Científico. Disponível em:

Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.
<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/divindade...>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o conteúdo da Unidade 2, conclui-se que Jesus Cristo é possuidor de duas naturezas: humana e divina. Ele é uma só pessoa, a saber, a segunda pessoa da Trindade. Recebeu o nome que está acima de todos os nomes. Em sua humanidade, ele é o homem singular. Concebido sem pecado, incapaz de pecar e o único que possui a natureza humana perfeita idealizada por Deus. Em sua divindade, ele é reconhecido como Senhor e Deus. Eterno em sua preexistência, digno de ser dorado, onipotente, onipresente, onisciente e soberano. Deus encarnado.

Diante dos fatos apresentados pela Bíblia Sagrada, fica bem evidente a falácia dos movimentos heréticos dos primeiros séculos quanto a natureza de Cristo. Ele é divino e humano ao mesmo tempo. A Unidade 2 focou a divindade de Jesus Cristo. A Sua humanidade será objeto de estudo na próxima Unidade.

HORA DE REVISAR

O estudo até aqui mostrou que Jesus Cristo é plenamente Homem e plenamente Deus. Ele é divino e humano de forma bem clara, segundo as Escrituras. Sendo assim, ele possui duas naturezas: humana e divina em uma única pessoa.

Entendemos que as duas naturezas de Cristo se apresentam de formas diferentes, elas não são iguais, pois cada qual possui características distintas, mas coexistem entre si. Jesus não deixou de ser Deus quando encarnou, pelo contrário, antes da encarnação ele já era o Deus eterno, o *Logos* preexistente que habitava eternamente junto ao Pai.

Do mesmo modo, Jesus em sua ressurreição e ascensão junto ao Pai, não deixou de ser homem para voltar a ser Deus, pois ele sempre foi o Deus-homem, de eternidade a eternidade e o será para sempre. Podemos resumir da seguinte maneira o ensino bíblico acerca da pessoa de Cristo: Jesus Cristo foi plenamente Deus e plenamente homem em uma só pessoa e assim o será para sempre.

REFERÊNCIAS

BOCK, Darrell L. **Jesus segundo as escrituras**. 1. ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2006.

CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia Sistemática**. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2003.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GABY, Wagner. **Teologia Sistemática Pentecostal**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática: atual e exhaustiva**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

OLSON, Roger. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2001.

SOARES, Esequias. **Cristologia: a doutrina de Jesus Cristo**. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2008.

WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal**. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2011.

UNIDADE 3 – A NATUREZA HUMANA DE JESUS CRISTO

Objetivos:

- **Explicar a importância da humanidade Jesus.**
- **Apresentar a singularidade e impecabilidade de Jesus.**
- **Detectar as evidências escriturísticas da humanidade de Jesus.**

A doutrina da humanidade de Cristo dentro da Cristologia não é considerado um objeto de estudo que chame tanto a atenção na Teologia Sistemática, quanto aos aspectos da sua divindade. Embora haja controvérsia sobre o tema divindade, existe uma compreensão e aceitação quanto a sua humanidade, ou seja, o que quer que Jesus tenha sido, considera-se certo de que ele tenha sido humano.

Jesus Cristo é considerado como um personagem inesgotável na história, e, passados mais de dois mil anos desde o seu nascimento virginal, os estudiosos de cada época o descrevem com um novo olhar. E através da fé das primeiras testemunhas da tradição, é que se obtém a descrição do que encontraram em Jesus, de forma objetiva, ou seja, de seu encontro pessoal com Ele.

Desta forma, considera-se que Jesus começou a ser conhecido, por testemunho dos seus discípulos, por seguir Jesus, por viver com Ele e como Ele, deixam tudo para trás, como família e bens. Esta é a originalidade do saber Cristológico.

Jesus é um homem divino, nascido na cidade de Nazaré, conhecido como “Jesus de Nazaré”, judeu da pobre Galileia, filho do carpinteiro José, um artesão e de Maria. Desde o momento da concepção virginal de Jesus no ventre de Maria, a sua natureza divina foi permanentemente unida à sua natureza humana em uma e a mesma pessoa, o agora encarnado Filho de Deus. As evidências bíblicas para a humanidade de Jesus são fortes e substanciais, mostrando-nos que ele possuía um corpo humano e uma mente humana.

A IMPORTÂNCIA DA HUMANIDADE DE CRISTO

O tema da humanidade de Cristo tem uma grande importância e valor para a cristologia, pois esta humanidade possibilitou ao homem ter acesso ao conhecimento de Deus e de si próprio. O Teólogo Erickson afirma que, caso Jesus não se fizesse carne, a salvação do homem estaria em jogo. Segundo Erickson, a dificuldade que o homem enfrenta é o distanciamento entre estes e Deus, sendo esse distanciamento

antológico, e acrescenta que

existe também um abismo espiritual e moral entre Deus e nós, um abismo criado pelo pecado humano. Por nosso próprio esforço moral, somos incapazes de nos opor a nosso pecado, de nos elevar ao nível de Deus. Para ter comunhão com Deus, precisamos ser unidos a Ele de alguma outra maneira. Isso, como se entende tradicionalmente, foi realizado pela encarnação, em que a divindade e a humanidade foram unidas em uma pessoa. Se, porém, Jesus não era de fato um de nós, a humanidade não foi unida à divindade, e não podemos ser salvos. Isso, porque a validade da obra realizada na morte de Cristo, ou pelo menos sua aplicabilidade a nós como seres humanos, depende da realidade de sua humanidade, assim como a sua eficácia depende da genuinidade de sua divindade (ERICKSON, 286)

Desta forma, compreende-se da importância de que o ministério intercessor de Jesus dependesse de sua humanidade, pois ela lhe permitiu se relacionar com o homem na sua essência física e psicológica. Apenas um ser humano poderia compreender as fraquezas e tentações de outro homem. Em sua humanidade, Jesus foi submetido a todos os mesmos tipos de provações que os homens são, e Ele é, portanto, capaz de entender e ajudar.

Jesus foi tentado, foi perseguido, era pobre, foi desprezado, sofreu dor física e suportou as dores de uma morte prolongada e muito cruel. Apenas um ser humano poderia passar por estas coisas, e apenas um ser humano podia entendê-las completamente através da experiência física e psicológica.

Entretanto, se Cristo não era realmente um de nós, a humanidade e divindade não estão unidos e não podemos ser salvos. A validade do trabalho realizado com a morte de Cristo, ou pelo menos a sua aplicabilidade no que diz respeito a nós como seres humanos depende da realidade da sua humanidade, bem como a sua eficácia depende da Sua divindade.

Desta forma, se entende que, o ministério intercessor de Jesus depende de sua humanidade. Se ele realmente era um de nós, experimentando todas as tentações e provações humanas, então é capaz de entender e compreender as nossas tentações.

AÇÕES HUMANAS DE CRISTO = SUA HUMANIDADE

Jesus é homem, ou seja, ele é humano. Enquanto esteve na terra entre os homens, ele agiu de maneira humana. Seu comportamento, ações e pensamentos

eram de um homem normal. “Ele era movido por princípios instintivos e exercia as forças ativas que pertencem a uma humanidade normal e desenvolvida [...]” (STRONG, 320). Jesus não era um fantasma, ou um espírito, ele realmente possuía um corpo humano, sujeito a todos os reveses da vida: enfermidades, dores e necessidades básicas à vida humana. Convinha que ele viesse como homem, pois, se não fosse humano, não poderia sofrer e dessa forma não poderia ser o Salvador dos seres humanos. De acordo com o ensinamento bíblico, Jesus apresentou muitas das necessidades comuns ao corpo humano e teve ações humanas, o que prova que ele realmente possuía um corpo humano. Ele teve: fome (Lc 4:2); sede (Jo 1:28); cansaço (Jo 4:6); comeu (Lc 24:42,43); dormiu (Mc 4:38); tocou pessoas (Lc 5:13). Em sua humanidade, Jesus também demonstrou sentimentos comuns à alma humana. Ele não era um homem sem emoções, pois diversas passagens bíblicas expressam os sentimentos de Jesus. Ele: chorou (Lc 19:41); irou-se (Mt 21:12,13); angustiou-se (Lc 22:44); compadeceu-se (Mc 6:34); amou (Mc 10:21).

Jesus também possuía uma mente humana. E em determinados momentos, demonstrou não saber sobre certos assuntos, o que reafirma ainda mais a sua humanidade. Como homem, ele não sabia de todos os fatos (Mt 24:36), e como todo ser humano normal, Ele pensava (Lc 2:52) e fazia perguntas (Mc 9:21); O Filho eterno é onisciente, mas o Cristo encarnado, pelo menos em sua natureza humana, não é. Assim sendo, o Filho eterno, que é *autotheos* (“Deus de si mesmo”), é onisciente, mas em sua natureza humana desconhecia certos fatos.

PLENAMENTE HUMANO E SINGULAR

Jesus é um homem normal, pois não apresenta nenhuma anormalidade, porém ele não é um homem comum, pois apresenta aspectos que o designam como um homem incomum e singular. Sua natureza humana, seu nascimento virginal e sua impecabilidade destacam sua singularidade. “Jesus não é apenas tão humano quanto nós, ele é mais humano”. (ERICKSON, 297).

A natureza humana de Cristo é diferente da natureza humana dos demais seres humanos. O senso comum entende a natureza humana dos seres humanos como a humanidade ideal e normal, mas na verdade a natureza humana de Cristo é que possuía humanidade real, ideal e perfeita. A natureza humana dos demais seres humanos não é a idealizada por Deus desde o princípio. Adão e Eva foram criados por Deus sem pecado, eles eram puros e santos, mas com o advento da queda, o

pecado corrompeu a natureza humana criada por Deus, e o homem deixou de possuir a humanidade ideal. Sendo assim, todos os seres humanos possuem a natureza humana corrompida, que é equivalente a uma “sombra” comparada ao plano original de Deus.

[...] os seres humanos estão agora numa situação *anormal*. Deus não nos criou pecaminosos, mas santos e justos. Adão e Eva no jardim do Éden eram *verdadeiramente* humanos antes de pecar, e nós agora, apesar de humanos, não nos conformamos ao padrão que Deus deseja que preenchamos quando nossa humanidade plena, impecável, for restaurada. (GRUDEM,440).

Jesus possui a natureza humana ideal e perfeita, pois jamais cometeu pecado. “Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas alguém que, à nossa semelhança, foi tentado em todas as coisas, porém sem pecado” (Hb 4:15). Sua natureza humana jamais foi corrompida pelo pecado. Ele possui a natureza humana idealizada por Deus para todos os seres humanos desde o princípio. Isso faz de Jesus um homem singular.

Jesus Cristo, pois, é o homem arquetípico. Nele está o padrão ou modelo da humanidade genuína [...] ele é o protótipo da verdadeira humanidade. [...] pois nele se manifesta o padrão original de Deus para a existência humana. (WILLIAMS, 286).

O NASCIMENTO VIRGINAL

Outro aspecto da singularidade de Cristo é o seu nascimento virginal. Jesus não foi concebido como os outros seres humanos. Todos os homens são gerados através de uma relação sexual entre um homem e uma mulher. Esse é o método natural de concepção da humanidade.

Porém, Jesus não foi concebido pelo método natural humano. “As Escrituras afirmam claramente que Jesus foi concebido no ventre de sua mãe, Maria, por obra miraculosa do Espírito Santo e sem um pai humano”(GRUDEM, 435). Ele foi concebido virginalmente, gerado pela obra do Espírito Santo efetuada em Maria, sua mãe, na humanidade. Mas Maria, é claro, não é mãe da natureza divina de Jesus, que

sempre existiu. Maria é simplesmente a mãe da natureza humana de Cristo (GRUDEM, 464). Para salvar a humanidade dos seus pecados, era necessário que seu Mediador fosse santo e livre de pecados. Somente através da concepção virginal isso seria possível. De acordo com a doutrina do nascimento virginal, Jesus não possuiu um pai humano. José não havia coabitado com Maria quando ela engravidou. Ele só começou a ter relações sexuais com ela após o nascimento de Cristo. Sendo assim, Jesus não recebeu em sua geração o sêmen humano, que representa a continuidade da natureza corrompida de Adão. É como se o ciclo do pecado herdado, em Cristo, fosse cortado, desse modo ele não recebeu através de um pai humano a hereditariedade do pecado. De acordo com Wayne Grudem (1999, 437) “Para nós basta dizer que *nesse caso* a linha contínua de descendência de Adão foi interrompida, sendo Jesus concebido pelo poder do Espírito Santo”. Mas Maria também era humana, possuía natureza pecaminosa e descendia de Adão. Como pode Jesus não ter herdado o pecado através de Maria?

[...] a obra do Espírito Santo em Maria deve ter evitado não só a transmissão do pecado de José (pois Jesus não teve pai humano), mas também, de maneira miraculosa, a transmissão do pecado de Maria: “Descerá sobre ti o Espírito Santo [...] *por isso*, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus” (Lc 1.35). (GRUDEM, 437).

Desse modo a concepção virginal só foi possível devido à obra do Espírito Santo efetuada em Maria. Seu nascimento virginal também faz de Jesus um homem singular. Sem sombra de dúvidas, o nascimento virginal é um dos grandes mistérios da redenção.

O nascimento virginal de Jesus Cristo é a fonte da qual brota tudo o que o Novo Testamento diz sobre ele. Teólogos e homens comuns lutam com isso. Mas, para a mente disposta a crer que “nada é impossível para Deus”, não é tão difícil assim aceitar essa verdade. (GIRARD; RICHARDS, 29).

A IMPECABILIDADE DE CRISTO

A impecabilidade é a doutrina bíblica que afirma que Jesus, sendo homem, jamais pecou. “Livre tanto da depravação hereditária como do verdadeiro pecado [...]” (STRONG, 323). Ele foi concebido sem pecado e permaneceu santo durante todos os dias em que esteve na Terra. Cristo jamais pecou.

Ainda que o Novo Testamento seja claro em afirmar que Jesus era plenamente humano exatamente como nós, também afirma que Jesus era diferente em um aspecto importante: ele era isento de pecado e jamais cometeu um pecado durante sua vida. (GRUDEM, 440).

Ainda que a Bíblia afirme que ele foi feito “a semelhança do homem pecador” (Rm 8:3), isso não quer dizer que ele se tornou como um dos homens por ter participado do pecado, mas se refere a sua natureza humana, que em tudo era semelhante à de todos os homens, porém sem pecado. Na sua humanidade Jesus teve um corpo humano, mas este corpo jamais cedeu às tentações, sendo assim, não participou do pecado.

As tentações a que Cristo foi submetido foram reais. Jesus realmente foi tentado. Sua natureza humana realmente foi afligida por tais tentações. As Escrituras afirmam que Jesus foi tentado e que as tentações foram reais (Lc 4.2). Quando o homem é tentado e resiste à tentação, ele conhece todo o poder daquela determinada tentação e sabe o quão difícil é vencê-la. Porém, quando o homem é tentado e cede ao poder da tentação, ele não conhece o seu poder por completo, pois em determinado tempo de ação da tentação, ele se entrega. Os seres humanos já venceram o poder de muitas tentações, mas todos os seres humanos já cederam ao poder de muitas tentações e não conhecem o poder total de todas elas. Cristo, ao contrário dos homens, jamais cedeu ao poder de tentação alguma, sendo assim, ele conhece todo o poder aflitivo de todas as tentações, e sabe como nos socorrer em todas elas. Há os que afirmam que só aquele que conhece a força total das tentações, sabe realmente qual é o poder de todas elas. “Muitos teólogos destacam que só aquele que consegue resistir à tentação até o fim sente plenamente a força da tentação”. (GRUDEM, 444).

Cristo conhece as aflições que os homens enfrentam ao serem tentados e devido a isso, os compreende totalmente e por eles pode se compadecer, pois em tudo o que os seres humanos são tentados ele também o foi. O que deve ser

esclarecido é que Jesus foi tentado, não para provar se a sua natureza humana poderia pecar ou não, esse não foi o objetivo das tentações.

As tentações vieram sobre Cristo como um teste para provar aos homens que ele realmente era infalível, vencedor sobre o pecado e posteriormente sobre a própria morte. “Em sua tentação, Jesus estabeleceu de uma vez por todas o tipo de Messias que ele seria”. (STEIN,113).

O homem é tentado em três aspectos: pelo mundo, pela sua natureza pecaminosa e pelo diabo. Mas Jesus, ainda que tenha sido tentado por esses agentes, não pôde ser vencido por eles, pois sobre eles já é vencedor.

a) Jesus afirma não ser deste mundo, sendo assim as tentações do mundo não o podem vencer (Jo 17:14-16).

b) Jesus não possuía natureza pecaminosa, pois foi concebido virginalmente e não recebeu a herança do pecado herdado, então a carne não podia vencê-lo. (Lc 1:35). “Cristo estava totalmente livre de uma natureza pecaminosa e de tudo o que a natureza pecaminosa poderia gerar”. (CHAFER, 80).

c) Jesus afirmou que o diabo não tem poder ou direito sobre ele, sendo assim suas tentações não podiam subjugar-lo (Jo 14:30).

No entanto, há aqueles que entendem que Jesus na natureza humana, ou seja, como homem podia cair em pecado. Ele não caiu em momento algum, mas “Tomou sobre Si a natureza humana e foi tentado em todos os pontos, como é tentada a natureza humana. Poderia ter pecado; era passível de queda, mas nem por um momento houve nele uma propensão ao mal. Ele foi assediado por tentações no deserto, como Adão foi assediado por tentações no Éden” (WHITE, 1128)

É importante destacar que Jesus venceu as tentações em sua natureza humana e não em sua natureza divina. “[...] os testes que vieram a Cristo foram na esfera de sua humanidade e não dirigidos diretamente à sua divindade [...]” (CHAFER, 79). Prova disso é que ele resistiu à tentação de transformar uma pedra em pão. Se o tivesse feito, teria lançado mão de sua divindade, e não seria um sumo sacerdote perfeito. Ao ser tentado Jesus provou que o mundo, a carne e o Diabo não têm poder sobre ele, sendo assim, todo aquele que está em Cristo também pode vencer as tentações que diante dele se apresentam, pois sobre todas elas Cristo é vitorioso.

ETERNAMENTE HUMANO

Nossa racionalidade não consegue compreender plenamente a profundidade da encarnação de Cristo. Por isso, nos deparamos com questões intrigantes como a que está acima. Apresento a seguir algumas evidências bíblicas e razões teológicas para acreditarmos que a encarnação de Jesus será preservada por toda a eternidade:

A perenidade da encarnação

A evidência bíblica é clara: a união das naturezas humana e divina é irreversível. Ele se tornou carne (Jo 1:14) e foi “nascido de mulher” (Gl 4:4, NVI). Ele cresceu como ser humano (Lc 2:40) e permaneceu assim durante todo o Seu ministério (Hb 5:7). Das Suas mãos e testa fluíram sangue durante Sua crucifixão; Ele sentiu sede (Jo 19:28) e abandono (Mt 27:46). Finalmente, como ocorre a todos os seres humanos, Ele morreu (Jo 19:30).

Como ser humano, Ele saiu da tumba num corpo glorificado (Jo 20:27) e foi visto por Maria Madalena (v.18) e pelos discípulos (Jo 21:1). Cristo ascendeu ao Céu com Seu corpo físico e humano, levando a natureza humana até o trono de Deus (Jo 21:1). Agora, Ele intercede por nós diante do Pai “Pois há um só Deus e um só Mediador entre Deus os homens (*anthrōpōn*, seres humanos): o Homem (*anthrōpos*, ser humano) Cristo Jesus” (1Tm 2:5).

João afirmou que os falsos profetas negavam que Jesus Cristo tivesse vindo em carne (2Jo 7). Paulo acrescenta que, uma vez concluído o conflito cósmico, e “tudo Lhe estiver sujeito, então o próprio Filho Se sujeitará Aquele que todas as coisas Lhe sujeitaram a fim de que Deus seja um em todos” (1Co 15:28, NVI). Portanto, a encarnação nunca será suspensa.

Um Salvador encarnado

A perenidade da encarnação reflete a própria natureza da encarnação. Se não fosse eterna, não teríamos uma encarnação, mas Deus residindo temporariamente em um ser humano. A encarnação de Cristo foi de fato, a união de duas naturezas em uma pessoa, não de duas pessoas no mesmo corpo. Jesus não existe independente da encarnação. Nele coexistem o divino e o humano numa união indestrutível, o que torna possível a nossa união com Jesus outra vez. Além disso, o fim da encarnação significaria a extinção de nosso Salvador divino-humano, o que é impossível. O que

aconteceu na encarnação é algo que não pode ser desfeito quando o propósito foi atingido.

O fim do pecado e a irreversibilidade da encarnação

Ao explorarmos a natureza perene da encarnação, também devemos considerar que o pecado é um fenômeno tanto temporal quanto cósmico e que sua solução é também cósmica e temporal. Por meio da obra de Cristo, o pecado será eliminado do universo (cosmos) para sempre (tempo) e nunca mais ressurgirá (Na 1:9). A solução para o problema do pecado é universal e permanente. Não é somente um elemento no passado. O ato salvador de Deus é um evento sempre presente e eternamente efetivo. Isso significa que a humilhação de Cristo ao Ele Se tornar um ser humano será preservada na eternidade para garantir que o pecado nunca mais se levante. A encarnação é parte do eterno sacrifício dele por nós.

SUGESTÃO DE LEITURA – ARTIGO

A Pessoa de Cristo: Sua Humanidade – disponível em:
<https://voltemosaoevangelho.com › blog › 2012/12 › a-...>

SUGESTÃO DE LEITURA – LIVRO

O Desejado de Todas as Nações (O livro trata da vida e ministério de Jesus. Aprofunda o estudo da divindade e humanidade de Cristo) - disponível em:
<https://egwwritings.org/book/b1813>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doutrina da humanidade de Cristo é um amplo e instigante objeto de estudo e pesquisa dentro da teologia sistemática, porém, a Unidade 3, buscou apresentar os principais pontos, como a importância da humanidade de Jesus, as evidências bíblicas da sua humanidade e a impecabilidade de Cristo, temas amplamente fundamentados pelas Escrituras Sagradas.

A humanidade de Jesus é de grande importância para a fé e para a teologia porque demonstra que a morte expiatória de Jesus foi por amor ao pecador, ou seja, foi para nós. Jesus não era um estranho para o mundo, Ele se fez carne e morreu sobre a cruz. Jesus era um de nós, andou entre nós, se alegrou e se entristeceu entre nós, e para tanto, se faz necessário se oferecer em sacrifício em nosso nome.

Outra conclusão importante é o fato de Jesus ser nosso intercessor perante Deus. A Bíblia evidencia vários momentos a qual Jesus passou, estes como qualquer ser humano passou, passa e passará aqui na terra, ou seja, ele sentiu fome, sentiu frio, sentiu-se sozinho, sentiu alegria e tristeza, aflição e consolo. Isto foi necessário para que Ele entendesse exatamente o que um ser humano normal vive no seu dia a dia.

Ficou claro e evidente que Jesus pode e deve ser o nosso maior exemplo. Pois Ele não pecou, e nos ensina através de uma vida santa a não pecar. Essa impecabilidade nos constrange a sermos santos como Ele foi. Uma ordem ele nos deu, ou seja, precisamos ser santos, porque Ele é Santo.

Portanto, podemos tê-lo como um perfeito modelo de vida cristã. Os padrões bíblicos do comportamento humano, que parecem tão difíceis de realizar, quando buscado através de uma vida santa, se torna humanamente possível. Claro, deve haver total dependência da graça e misericórdia de Deus.

HORA DE REVISAR

Todas as evidências supramencionadas na presente Unidade ratificam que Jesus Cristo se fez homem temporariamente, mas sua natureza divina estava permanentemente ligada à sua natureza humana, e vive para sempre, não apenas como o eterno Filho de Deus, segunda pessoa da Trindade, mas como Jesus O homem nascido de Maria e Cristo, o Messias e Salvador das pessoas.

Derradeiramente se conclui que a encarnação de Cristo evidentemente foi real entre nós, porque Jesus era o Verbo, e o Verbo se fez carne e habitou entre nós, transbordando de graça e verdade! Com o seu nascimento virginal, vimos a sua glória, como a do filho unigênito de Deus. Jesus continua sendo plenamente Deus e homem em uma pessoa, ontem, hoje e para sempre.

Jesus, portanto, é um homem normal, pois não apresenta nenhuma anormalidade, porém Ele não é um homem comum, pois apresenta aspectos que o designam como um homem incomum e singular. Sua natureza humana, seu nascimento virginal e sua impecabilidade destacam sua singularidade. Jesus não é apenas tão humano quanto nós, ele é mais humano.

REFERÊNCIAS

CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia Sistemática**. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2003.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GIRARD, Robert C; RICHARDS, Larry. **Guia fácil para entender a vida de Jesus**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2013.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática: atual e exaustiva**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.

STEIN, Robert. **A pessoa de Cristo: um panorama da vida e dos ensinoss de Jesus**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia Sistemática**. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2003.

WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal**. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2011.

WHITE, Ellen G. **The SDA Bible Commentary**, v. 5, Review and Herald Publishing Association, 1958.

UNIDADE 4 – A HISTORICIDADE DA RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO

Objetivos:

- Apresentar antecedentes históricos da Bíblia sobre a ressurreição de Jesus.
- Conhecer referências da história secular sobre a pessoa e a ressurreição de Jesus.
- Entender a importância e a historicidade da ressurreição de Jesus.

Em nossos dias modernos e educados, às vezes nos perguntamos se as crenças tradicionais, especialmente aquelas sobre a Bíblia, são apenas superstições ultrapassadas. A Bíblia relata muitos milagres incríveis. Mas provavelmente a história da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos após sua crucificação parece a mais inacreditável.

Existe alguma evidência lógica para levar a sério esse relato de Jesus ressuscitando dos mortos? Surpreendente para muitos, um forte argumento pode ser feito de que a ressurreição de Jesus realmente aconteceu. E isso vem de um argumento baseado em dados históricos. Baseia-se na evidência e na razão, não na crença religiosa.

Esta questão merece uma investigação cuidadosa, uma vez que afeta diretamente nossas próprias vidas. Afinal, todos nós vamos morrer, não importa quanto dinheiro, educação, saúde e outros objetivos alcancemos na vida. Se Jesus derrotou a morte, isso dá uma esperança real diante de nossa própria morte que se aproxima. Vejamos os principais dados históricos e as evidências de sua ressurreição.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA BÍBLIA

Lucas, um médico e historiador fornece mais detalhes sobre como essa fé avançou no mundo antigo. Aqui está seu trecho do livro de Atos na Bíblia:

“Os sacerdotes e o capitão... aproximaram-se de Pedro e João... Ficaram muito perturbados porque os apóstolos ensinavam o povo e anunciavam em Jesus a ressurreição dos mortos... Prenderam Pedro e João... puseram-nos na cadeia... Quando viram a coragem de Pedro e João e perceberam que eram homens comuns, sem instrução, ficaram surpresos... “O que vamos fazer com esses homens?” eles perguntaram.” (At 4:1-16).

“Então o sumo sacerdote e todos os seus companheiros, ... prenderam os apóstolos e os colocaram na prisão pública. ...eles ficaram furiosos e queriam matá-los...chamaram os apóstolos e os açoitaram. Então eles ordenaram que não falassem em nome de Jesus, e os deixaram ir.” (At 5:17-40).

Podemos ver que as autoridades fizeram de tudo para acabar com essa nova crença. Essas controvérsias e perseguições iniciais ocorreram em Jerusalém. Esta é a mesma cidade onde apenas algumas semanas antes Jesus havia sido publicamente executado e sepultado.

A partir desses dados históricos, podemos investigar a ressurreição pesando todas as alternativas possíveis. Então podemos decidir qual deles faz mais sentido. Não temos que prejudicar pela ‘fé’ qualquer ressurreição sobrenatural.

O corpo de Jesus e o túmulo

Temos apenas duas alternativas a respeito do corpo de Jesus crucificado e morto. Ou o túmulo estava vazio naquela manhã de domingo de Páscoa ou ainda continha seu corpo lá na tumba. Não há outras opções.

Vamos supor que seu corpo permaneceu na tumba. À medida que refletimos sobre o desenrolar dos eventos históricos, no entanto, as dificuldades surgem rapidamente.

Por que os líderes romanos e judeus em Jerusalém teriam que tomar medidas tão extremas para impedir as histórias de uma ressurreição se o corpo ainda estivesse na tumba?

Todas as fontes históricas que pesquisamos indicavam hostilidade das autoridades à alegação da ressurreição. No entanto, este túmulo estava ao lado das proclamações públicas dos discípulos sobre sua ressurreição dos mortos em Jerusalém! Se o corpo de Jesus ainda estivesse na tumba, seria uma questão simples para as autoridades desfilarem o corpo de Cristo na frente de todos. Isso teria desacreditado o movimento incipiente sem ter que prendê-los, torturá-los e, finalmente, martirizá-los. Logo, a tumba de Jesus deveria estar vazia

Considere ainda, milhares foram convertidos para acreditar na ressurreição física de Jesus em Jerusalém neste momento. Suponha que você fosse um daqueles na multidão ouvindo Pedro, imaginando se sua incrível mensagem era crível. (Afinal veio com perseguição). Você não teria pelo menos feito sua pausa para o almoço para ir ao túmulo e dar uma olhada para ver se o corpo ainda estava lá?

Se o corpo de Cristo ainda estivesse na tumba, esse movimento não teria conquistado nenhum seguidor em um ambiente tão hostil com tantas contraprovas incriminadoras à mão. Portanto, o corpo de Cristo permanecendo na tumba leva a absurdos. Não faz sentido.

Claro, existem outras explicações possíveis para um túmulo vazio além de uma ressurreição. No entanto, qualquer explicação para o desaparecimento do corpo também deve levar em conta estes detalhes: o selo romano sobre a tumba, a patrulha romana guardando a tumba, a grande pedra (1-2 toneladas?) cobrindo a entrada da tumba etc. O espaço não permite olhar para todos os fatores e cenários para explicar o corpo desaparecido. Mas a explicação mais cogitada sempre foi que os próprios discípulos roubaram o corpo da tumba. Então eles o esconderam em algum lugar e conseguiram enganar os outros.

Assume este cenário. Evite, para fins de argumentação, algumas das dificuldades em explicar como o desanimado bando de discípulos que fugiu para salvar suas vidas em sua prisão poderia se reagrupar e bolar um plano para roubar o corpo. Três dias depois de fugirem de sua prisão, eles planejaram e executaram um ousado ataque de comando. Eles enganaram totalmente a guarda romana. Eles então quebraram o selo, moveram a rocha maciça e fugiram com o corpo embalsamado. Tudo isso sem sofrer baixas (já que todos permaneceram vivos para se tornarem testemunhas públicas sem ferimentos logo depois). Suponha que eles administraram isso com sucesso e então pisaram no cenário mundial para iniciar uma nova fé baseada em seu engano.

A Motivação dos Discípulos

Muitos de nós hoje pensamos que o que motivava os discípulos era a necessidade de proclamar a fraternidade e o amor entre os homens. Mas olhe para o relato de Lucas. Você notará que a questão controversa era “os apóstolos estavam ensinando o povo e proclamando em Jesus a ressurreição dos mortos”. Este tema é primordial em seus escritos. Observe como Paulo, outro apóstolo, classifica a importância da ressurreição de Jesus:

“Pois ... eu transmiti a vocês como de primeira importância: que Cristo morreu ... sepultado, que ressuscitou ao terceiro dia ... ele apareceu a Pedro e depois aos Doze ... Se Cristo não ressuscitou, nossa pregação é inútil ... a vossa fé é vã... Se apenas para esta vida temos esperança em Cristo, somos dignos de pena mais do

que todos os homens.... Se lutei contra feras em Éfeso por razões meramente humanas, o que ganhei? Se os mortos não ressuscitarem – Comamos e bebamos que amanhã morreremos” (1 Cor 15:3-32).

O preço pessoal pago pelos discípulos

Claramente, os discípulos colocaram a importância da ressurreição de Jesus, e seu testemunho dela, como o centro de sua mensagem. Assume que isso era realmente falso. Os discípulos realmente roubaram o corpo da tumba para que a contra evidência contra sua mensagem não pudesse expô-los. Eles podem então ter enganado o mundo com sucesso. Mas eles mesmos, em seus corações e mentes, sabiam que o que eles estavam pregando, escrevendo e criando grande agitação era falso. No entanto, eles deram suas vidas (literalmente) por esta missão. Por que eles fariam isso – se eles soubessem que a base para isso era falsa?

As pessoas se entregam a causas porque acreditam na causa pela qual lutam. Alternativamente, eles o fazem porque esperam algum benefício da causa. Se os discípulos tivessem roubado e escondido o corpo, eles sabiam de todas as pessoas que a ressurreição era falsa. Considere por suas próprias palavras o preço que os discípulos pagaram pela divulgação de sua mensagem. Pergunte a si mesmo se você pagaria um preço tão pessoal por uma causa que sabia ser falsa.

O apóstolo Paulo fala desse preço. Ele disse: “Somos pressionados por todos os lados... perplexos... perseguidos, abatidos... exteriormente estamos definhando... em grande resistência, em problemas, privações, angústias, em espancamentos, prisões e tumultos, trabalho duro, noites em claro e fome... espancados... tristes ... pobre ... não tendo nada ... Cinco vezes recebi dos judeus as 39 chicotadas, três vezes fui espancado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, ..., estive em perigo de rios, de bandidos, meus compatriotas, de gentios, na cidade, no campo, no mar. Trabalhei e labutei e muitas vezes fiquei sem dormir, passei fome e sede... Passei frio e nu...” (2 Co 4:8– 6:10; 11:24-29).

Quanto mais considero seu heroísmo inabalável ao longo de décadas de sofrimento e perseguição, mais acho impossível que eles não tenham acreditado sinceramente em sua mensagem. Nenhum discípulo cedeu no amargo fim e ‘confessou’ para evitar a execução. Nenhum deles obteve qualquer vantagem mundana com suas mensagens, como riqueza, poder e vida fácil.

O fato de todos eles poderem manter sua mensagem de forma tão firme e pública por tanto tempo demonstra que eles acreditaram nisso. Eles a mantiveram como uma convicção inatacável. Mas se eles acreditaram, certamente não poderiam ter roubado e se livrado do corpo de Jesus. Um renomado advogado criminalista, que ensinou aos estudantes de direito em Harvard como investigar as fraquezas das testemunhas, disse o seguinte sobre os discípulos:

“Os anais da guerra militar dificilmente fornecem um exemplo da mesma constância heróica, paciência e coragem inabalável. Eles tinham todos os motivos possíveis para revisar cuidadosamente os fundamentos de sua fé e as evidências dos grandes fatos e verdades que afirmavam” (FOLHA,29).

Relacionado a isso está o silêncio das autoridades – judaicas e romanas. Essas testemunhas hostis nunca tentaram seriamente contar a história ‘real’ ou mostrar como os discípulos estavam errados. Como afirma o Dr. Montgomery,

“Isso ressalta a confiabilidade do testemunho da ressurreição de Cristo que foi apresentado contemporaneamente nas sinagogas – mesmo diante da oposição, entre interrogadores hostis que certamente teriam destruído o caso ... se os fatos fossem outros” (MONTGOMERY,88-89).

Não temos espaço para considerar todas as facetas dessa questão. No entanto, a ousadia inabalável dos discípulos e o silêncio das autoridades hostis contemporâneas dizem muito que há um caso para Cristo ter ressuscitado. Vale a pena fazer um exame sério e cuidadoso. Uma maneira de fazer isso é entendê-lo em seu contexto bíblico e no contexto da história também.

REFERÊNCIAS HISTÓRICAS SOBRE JESUS

O fato de que Jesus existiu e morreu uma morte pública que alterou o curso da história é certo. Não é preciso olhar para a Bíblia para verificar isso. A história secular registra várias referências a Jesus e o impacto que ele causou no mundo de sua época.

Pilatos – governador romano na Judeia

Pôncio Pilatos, também conhecido simplesmente como Pilatos, foi governador ou prefeito da província romana da Judeia entre os anos 26 e 36. Pilatos tomou conhecimento dos fatos da ressurreição e os registrou em seu relatório regular ao imperador Tibério. Eusébio, bispo do 4º século e historiador eclesiástico, escreveu:

“E quando a maravilhosa ressurreição e ascensão de nosso Salvador já tinham sido propaladas em toda a parte, consoante antigo costume prevalecente entre governadores das províncias de relatarem ao imperador as novidades que nelas ocorriam, a fim de que nada lhe pudesse escapar, Pôncio Pilatos informou a Tibério dos relatórios que eram divulgados em toda a Palestina concernentes à ressurreição de nosso Salvador Jesus Cristo. Ele também deu um relato de outras maravilhas que ouvira a respeito Dele e como, depois de Sua morte, tendo ressuscitado, era agora crido por muitos como sendo um deus”. (KNIGHT, 86).

Que Pilatos fizera relatório oficial a Tibério é confirmado por Tertuliano e Justino Mártir que menciona um *Atos de Pilatos* (NICENE, 105).

Josefo - historiador judeu

Flávio Josefo (cerca de 37 d.C até cerca de 100 d.C.) foi um historiador judeu que pertencia a uma família de sacerdotes. Ao escrever para os romanos, ele resumiu a história dos judeus desde o início até o seu tempo. Ao fazê-lo ele também cobriu o tempo e a carreira de Jesus com estas palavras:

“Nessa época havia um homem sábio... Jesus. ... bom e ... virtuoso. E muitas pessoas dentre os judeus e de outras nações se tornaram seus discípulos. Pilatos condenou-o a ser crucificado e a morrer. E aqueles que se tornaram seus discípulos não abandonaram seu discipulado. Eles relataram que Ele havia aparecido a eles três dias após sua crucificação e que estava vivo” (JOSEFO, 33).

Josefo confirma que:

1. Jesus existiu,
2. Ele era um professor/sábio religioso,
3. Seus discípulos proclamaram publicamente a ressurreição de Jesus dentre os mortos.

Tácito - governador-historiador romano

Tácito (c. 200 - junho de 276) foi um imperador romano que reinou entre 275 e 276. Ele fez referência a Jesus ao registrar como o imperador romano Nero executou os cristãos do século I (em 65 d.C.). Nero culpou os cristãos pelo incêndio de Roma e então iniciou uma campanha de extermínio contra eles. Aqui está o que Tácito escreveu:

“Nero ... puniu com as torturas mais requintadas, as pessoas comumente chamadas de cristãos, que eram odiadas por suas enormidades. Christus, o fundador do nome, foi condenado à morte por Pôncio Pilatos, procurador da Judeia no reinado de Tibério; mas a superstição perniciosa, reprimida por um tempo, irrompeu novamente, não apenas na Judeia, onde o mal se originou, mas também na cidade de Roma” (TÁCITO. 44).

Tácito confirma que:

1. Jesus foi uma pessoa histórica;
2. Ele foi executado por Pôncio Pilatos;
3. Por volta de 65 d.C. (tempo de Nero), a fé cristã havia se espalhado pelo Mediterrâneo, da Judeia a Roma. Além disso, havia feito isso com tanta força que o imperador romano sentiu que precisava lidar com isso.

Observe que Tácito está dizendo essas coisas como uma testemunha hostil. Sabemos disso porque ele rotula o movimento iniciado por Jesus como uma ‘superstição perversa’. Ele se opõe, mas não nega sua historicidade.

Portanto, a partir desses vislumbres do passado, parece que a morte de Jesus foi um evento bem conhecido. Além disso, seus discípulos estavam reforçando publicamente a afirmação de sua ressurreição no mundo greco-romano.

A IMPORTÂNCIA DO RESSURREIÇÃO

A ressurreição de Cristo não deve ser entendida apenas no sentido espiritual. Ele, de fato, ressurgiu dos mortos. Aquele que saiu da tumba era o mesmo Jesus que vivera em carne. Ressurgiu num corpo glorificado, mas real - tão real que as mulheres que foram ao sepulcro e os discípulos O viram (Mt 28:17; Mc 16:9, 12, 14). Os dois discípulos a caminho de Emaús conversaram com Ele (Lc 24). Ele mesmo disse aos discípulos: "Vede as Minhas mãos e os Meus pés" (Lc 24:39). Tinha carne e ossos (v. 39). Comeu com eles (v. 43).

Tomé tinha motivos para crer que se tratava do mesmo Jesus, pois fora desafiado: "Põe aqui o teu dedo e vê as Minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no Meu lado" (Jo 20:27). Realmente, era o próprio Salvador. Não era um espírito, um fantasma. Era o real divino Filho de Deus que ressurgira da sepultura.

A ressurreição de nosso Senhor Jesus constituiu parte vital da mensagem da igreja primitiva. Ao pregarem, os apóstolos pregavam Cristo, o Messias que Se levantara dos mortos. Anunciavam "em Jesus, a ressurreição dentre os mortos" (At

4:2); "davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus" (v. 33); Paulo lhes anunciava "a Jesus e a ressurreição" (At 17:18).

A ressurreição de Jesus Cristo é de vital importância no grande plano divino da salvação. A própria morte de Jesus, sublime como foi, seria de nenhuma valia se não houvesse Sua ressurreição dos mortos. O grande apóstolo dos gentios torna isso claro no seu vibrante testemunho do Cristo vivo. Naquele maravilhoso capítulo sobre ressurreição, em sua mensagem à igreja de Corinto (1 Co 15), vemos o lugar essencial que este grande acontecimento ocupa no propósito de Deus. Notemos qual seria a situação se Cristo não houvesse ressuscitado dos mortos.

1. Não haveria benefício algum da pregação do evangelho: "E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação" (1Co 15:14).

2. Não haveria perdão dos pecados: "E, se Cristo não ressuscitou, [...] ainda permaneceis nos vossos pecados" (v. 17).

3. Não haveria propósito na crença em Jesus: "E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé" (v. 17).

4. Não haveria ressurreição geral dos mortos: "Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como, pois, afirmaram alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?" (v. 12).

5. Não haveria esperança nenhuma além da sepultura: "E, se Cristo não ressuscitou, os que dormiram em Cristo pereceram" (v. 17, 18).

Esta é uma mensagem de poder, pois é pelo poder de Sua ressurreição que vivemos a vida cristã, e Sua vida é vivida na vida de todo o crente.

Os que são sepultados com Cristo no batismo são representados como ressuscitando com Ele, em Sua ressurreição (Rm 6:5, 8, 11; Ef 2:4, 5, Cl 2:12, 13). Como consequência dessa união com Cristo, nova vida é comunicada ao crente (Rm 6:4; 2Co 4:10, 11; Cl 3:10). O poder da ressurreição de Cristo fica desta forma à disposição dele (Ef 1:19, 20; Fp 3:10; Hb 7:16).

Outrora estávamos mortos nos pecados, agora estamos vivos em Cristo. Fomos crucificados com Cristo, agora Cristo vive em nós (Gl 2:20). Nossa experiência pessoal deste avivamento da alma, desta ação liberadora do Espírito de vida, constitui testemunha interior e a prova suprema da realidade da ressurreição.

Acima de tudo, a ressurreição de nosso Senhor é a certeza de que nós, igualmente, seremos ressuscitados por ocasião de Sua segunda vinda (1Co. 15:20, 23).

A HISTORICIDADE DA RESSURREIÇÃO

Muitas evidências deste surpreendente acontecimento foram dadas aos cristãos primitivos. Houve, pelo menos, dez aparições de Jesus depois de Sua ressurreição:

- (1) a Maria Madalena (Mc 16:9; Jo 20:14-17);
- (2) às mulheres no caminho para que dissessem aos discípulos que Cristo havia ressuscitado (Mt 28:9);
- (3) a Pedro (Lc 24:34);
- (4) aos dois discípulos na estrada de Emaús (Mc 16:12; Lc 24:15.31);
- (5) aos discípulos reunidos na noite do dia da ressurreição (Mc 16:14; Lc 24:36; Jo 20:19);
- (6) aos discípulos reunidos uma semana depois (Jo 20:26-29);
- (7) aos discípulos no Mar da Galileia (Jo 21:1-22);
- (8) aos onze num monte na Galileia, estando presentes quinhentos irmãos (Mt 28:16; Mc 16:7; 1Co 15:6);
- (9) a Tiago (1Co 15:7) e
- (10) aos onze discípulos por ocasião da ascensão (Mc 16:19; Lc 24:50-52; At 1:4-12). A.T. Robertson assim comenta a reunião com os quinhentos discípulos:

“O vigor deste testemunho reside no fato de que a maioria (hoi pleios) deles estava ainda viva quando Paulo escreveu esta Epístola. [...] não mais de 25 anos depois da ressurreição de Cristo” (ROBERTSON, 188).

Além do testemunho dos apóstolos e das mulheres, há o testemunho do conselho Judaico (Mt 28:11-15), e das autoridades romanas, de acordo com os primeiros escritores da igreja.

O povo devia estar ciente do fato, pois, por ocasião da ressurreição houve um terremoto e muitos santos ressuscitaram. Eles eram antítipo (correspondente), pelo menos em parte, do molho movido que era oferecido nos dias antigos. Diz o registro: "Abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram, e, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos" (Mt 27:52, 53).

Comentando essa experiência, Ellen G. White escreveu:

“Quando Cristo ressurgiu, trouxe do sepulcro uma multidão de cativos. O terremoto, por ocasião de Sua morte, abriu-lhes o sepulcro e, ao ressuscitar Ele, ressurgiram juntamente. [...] Agora deviam ser testemunhas daquele que os

ressuscitara dos mortos. [...] Esses entraram na cidade e apareceram a muitos, declarando Cristo ressurgiu dos mortos, e nós ressurgimos com Ele. Assim foi imortalizada a sagrada verdade da ressurreição” (WHITE, p. 786).

SUGESTÃO DE LEITURA - ARTIGO

5 PROVAS QUE JESUS RESSUSCITOU – artigo disponível em:
<https://www.respostas.com.br/provas-que-jesus-ressuscitou/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Unidade 4 tratou da ressurreição do Senhor Jesus, e mostrou que esse evento é uma realidade central da fé cristã e, como tal, foi pregada desde o começo do cristianismo. A importância deste milagre é tão grande que os Apóstolos são, antes de tudo, testemunhas da Ressurreição de Jesus. Este é o núcleo de toda pregação e isto é o que, depois de mais de vinte séculos, nós anunciamos ao mundo: Cristo vive! A Ressurreição é a prova suprema da divindade de Cristo. Ela é a grande luz para todo o mundo. “Eu sou a Luz”, disse Jesus; luz para o mundo, para cada época da história, para cada sociedade, para cada pessoa humana.

Ainda que sob outro aspecto, os “sinais” da Ressurreição veem-se ainda presentes no mundo: a fé heroica, a vida evangélica da tanta gente humilde e escondida; a vitalidade da Igreja que as perseguições externas e as lutas internas não chegam a enfraquecer. Pertence a cada pessoa humana vislumbrar e aceitar estes sinais, acreditar como acreditam os Apóstolos e tornar cada vez mais firme a sua fé.

A Ressurreição do Senhor é um apelo muito forte: lembra-nos sempre que vivemos neste mundo como peregrinos e que estamos em viagem para a verdadeira pátria, a pátria eterna, o céu. Cristo ressuscitou para levar consigo os homens e mulheres, na Sua Ressurreição, para onde Ele vive eternamente, fazendo-os participantes da Sua glória.

HORA DE REVISAR

A ressurreição de Jesus não é mito e nem resultado de cumplicidade dissimulada. É um fato glorioso que ultrapassa os limites da história e da compreensão humana, e que a Escritura expõe com toda a autoridade. Fundamenta-se no sepulcro vazio, nas palavras do anjo, no testemunho das mulheres, nas comprovações dos discípulos e nas aparições do próprio Cristo. “Ele ressuscitou!” Não poderia

permanecer morto, porque Ele é Deus, o Autor da Vida, o Pai da Eternidade e o Salvador daqueles que creem. Ele mesmo afirmou: "Eu sou a ressurreição e a vida" (Jo 11:25).

A ressurreição do Senhor Jesus é a maior notícia para a humanidade e foi um fato comprovado pelos historiadores também. Pilatos, Josefo e Tácito foram alguns que escreveram e fizeram menção da pessoa de Jesus Cristo e da Sua ressurreição. Logo, os dois símbolos cristãos absolutamente centrais são a cruz e a ressurreição.

Da mesma forma que aquela primeira notícia da ressurreição do Senhor logo se espalhou, vamos também, hoje, contar a todos que Ele foi ressuscitado dentre os mortos e agora vive para sempre! "E, porque eu vivo, vocês também viverão" (Jesus, em Jo 14:19).

REFERÊNCIAS

FOLHA VERDE. **Um exame do Testemunho dos Quatro Evangelistas pelas Regras de Evidência Administradas nos Tribunais de Justiça**. 1874.

JOSEFO. 90 d.C. **Antiguidades xviii**. 33.

MONTGOMERY. **Raciocínio Legal e Apologética Cristã**. 1975.

NICENE and Post-Nicene Fathers, segunda série, v. 1, p. 105.

TÁCITO. **Anais XV**. 44.

ROBERTSON, A.T. **Word Pictures in the New Testament**, 1931. 4.

KNIGHT, G.R.(Ed). **Questões sobre doutrina**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

WHITE, E.G. **O desejado de todas as nações**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.